

DOSSIÊ TEMÁTICO LITERATURA DE CORDEL: PESQUISA E ENSINO

APRESENTAÇÃO

A denominada *Literatura de Cordel*, consolidada no Brasil entre as décadas de 1930 e 1950, através de folhetos de formato simples e acessíveis ao seu público leitor, assume, no século XXI, suportes mais sofisticados, adequando-se a novos leitores, sem, com isso, perder de vista a sua essência enquanto poesia que delinea o sertão nordestino em seus vários aspectos. Apontada por muito tempo como uma “literatura marginal”, essa expressão poética ganhou, nos últimos anos, a atenção da academia nos âmbitos da pesquisa e do ensino.

A pesquisa sobre a literatura de cordel no Brasil já se apresenta como uma espécie de tradição. Ela traça aos demais estudiosos dessa poesia uma amostragem diversificada sobre temas, autores e contexto de produção do Cordel no Brasil. Entre os principais pesquisadores e sob diferentes perspectivas, estão autores como Diegues Júnior, Cavalcanti Proença, Mark Curran, Ruth Terra, Maria Ignez Ayala, Joseph M. Luyten, Márcia Abreu, entre outros.

No que se refere ao trabalho com a literatura de cordel em sala de aula, é possível observar que ainda é limitado o espaço dado ao cordel no cotidiano escolar, assim como ao texto poético de forma mais ampla. Observa-se ainda que o cordel, muitas vezes, é inserido no espaço da sala de aula apenas como desculpa para o repasse de conteúdos diversos, ficando de lado sua “vocação narrativa, seu humor, seu viés, muitas vezes, satírico e sua dimensão imaginativa” ou seja, sua natureza poética que, como afirma o professor e pesquisador Hélder Pinheiro,   exatamente o que promove o encantamento e envolvimento dos leitores com o texto.

Na contramão dessa vertente, surgem, no cenário da academia, em várias partes do país, estudos que enriquecem cada vez mais o trabalho com o cordel em sala de aula. Eles se voltam para diferentes perspectivas teóricas que apontam caminhos possíveis para o trabalho com essa poesia no cotidiano das escolas. As políticas públicas, mesmo que timidamente, já sinalizam uma nova visão acerca da presença do g nero cordel no espaço da sala de aula.

Dessa forma, folhetos antigos, assim como as novas produ es e adapta es, vêm sendo comprados pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola e, conseqüentemente, podendo ser acessados por leitores de todo o país, uma vez que esse programa, desenvolvido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educa o,   subsidiado pelo Governo Federal e tem como objetivo distribuir as obras selecionadas para todas as escolas de ensino público das redes federal, estadual e municipal, no âmbito da Educa o Infantil, do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da Educa o de Jovens e Adultos (EJA).

  voltada para essas temáticas e para esse cenário que a revista *Leia Escola*, dedicada   divulga o de estudos que abordam o ensino de Línguas e Literatura, apresenta um *Dossiê temático* direcionado para a Literatura de Cordel: pesquisa e ensino. Os artigos que o compõem relatam e refletem sobre a Literatura de Cordel a partir de diferentes perspectivas: discussões teóricas sobre literatura de cordel; literatura de cordel e literatura infantil; análises comparativas entre obras literárias can nicas cordelizadas; estudos pontuais sobre autores, obras e temas; vivências com folhetos no espaço escolar; literatura de cordel e outras artes; dentre outras possibilidades. Busca-se, portanto, dar visibilidade a pesquisas e experimentos realizadas(os) ou em andamento, tendo como fulcro o valor desta importante manifesta o de nossa literatura popular.

Em *Do manuscrito ao folheto de cordel: uma literatura escrita para ser oralizada*, a professora Maria Ignez Novais Ayala, pesquisadora de reconhecida produ o nos estudos sobre a cultura popular brasileira, tece considera es significativas sobre a “Literatura de

Folhetos/Literatura de Cordel como uma literatura em processo, viva, que tem passado por várias mudanças, desde seu período de formação e produção de folhetos em vários estados do Nordeste.” A partir de estudos de outros pesquisadores e da leitura de folhetos que fazem parte da coleção “Cordéis de Mário de Andrade”, o artigo discute o cordel como uma “literatura feita, mais para ‘os ouvidos’ que para os olhos, desde o início”, proporcionando uma reflexão da relação entre o cordel, como texto escrito, e os demais gêneros das poéticas orais. O estudo traz importante contribuição para pensar também o público leitor dessa literatura que, segundo a autora, é “constituído por leitores/ouvintes ou ouvintes/leitores, encontrados em pesquisas de campo, que trazem em sua memória uma ou mais histórias, publicadas em folhetos, decoradas, quando ainda eram crianças, mas que afloram sempre que surge uma oportunidade para ‘dizer’ os versos ou cantá-los.”, ressaltando o gosto pelos poemas narrativos daqueles que a pesquisadora chama de “homens, mulheres e crianças-livro”.

No artigo *Cultura e relações de reciprocidade: a literatura de cordel em diferentes contextos*, Gabriela Kvacek Betella e Bárbara Laís Falcão da Silva Cação refletem sobre o cordel brasileiro e suas inter-relações com a cultura popular. Para tanto, o texto discute o conceito de cultura e o lugar da cultura popular na academia. Investiga ainda as alterações entre a literatura de cordel antiga e a contemporânea, discutindo o declínio e a revitalização dessa literatura, como aspecto de sua resistência. O artigo destaca os novos espaços que a literatura de cordel conseguiu conquistar – a academia, entre eles – e a capacidade do cordel brasileiro de “utilizar seus próprios ‘concorrentes’ contemporâneos, no caso as opções oferecidas pela indústria cultural” para revitalizar as suas próprias técnicas e temáticas.

Já o artigo de Irany André Lima de Souza e Daniela Maria Segabinazi, *Contos populares adaptados para o suporte do folheto literário* põe em evidência o vínculo entre literatura de cordel e literatura infantil através do processo de adaptação, discutindo as adaptações de contos populares para a poesia de cordel enquanto fenômeno editorial, uma vez que, “no que se refere às adaptações para cordel, já é possível encontrá-las nas listas de obras de reconhecidas editoras (DLC, FTD, etc.) e também no acervo literário distribuído pelo PNBE[...]. Também há espaço para as adaptações de contos populares (de fadas) para o cordel, como *A história do barba-azul*, de Antônio Klévisson Viana (PNBE 2012). Aliás, esses fatos evidenciam um pouco dos diferentes caminhos que o cordel percorreu, desde as feiras livres às editoras e livrarias. Diferente da forma inicial de produção e circulação, agora as produções chegam a passar por edições, antes de serem publicadas pelas editoras e circularem nas grandes livrarias.” O texto destaca ainda que o processo de adaptação representa “uma troca mútua entre literatura de cordel e literatura infantil, pois as adaptações partem de ambos os lados” e que “tais textos palimpsestuosos precisam de atenção dos estudiosos, sobretudo da leitura literária infantil.”

Em *Partir, querendo ficar: migrações e identidades na literatura de cordel*, José Welton Ferreira dos Santos Junior e Rejane Vecchia da Rocha e Silva apresentam uma leitura sobre o tema da migração do nordestino para outras regiões do país em busca de uma vida melhor, presente na literatura de cordel. O texto parte de um breve levantamento histórico sobre o fenômeno das migrações internas no Brasil chegando à abordagem do fluxo de nordestinos rumo aos grandes centros, buscando sobreviver às agruras de sua região. Alguns poemas da literatura de cordel, que têm como tema a imagem do retirante, são comentados a partir do diálogo com pesquisas sobre o processo das migrações internas no Brasil. O artigo discute ainda as “estratégias de construção identitária e as subjetividades evidenciadas a partir da análise de algumas representações elaboradas nos textos populares, tendo em vista as especificidades históricas e sociais da diáspora nordestina.”

O artigo *A literatura de cordel nos currículos escolares: história e resistência*, de Francisco Cláudio Alves Marques e Esequiel Gomes da Silva, parte de uma revisão histórica da publicação de textos de cordel – desde suas raízes medievais até o contexto atual – para discutir a importância de se levar o cordel para o contexto da escola apresentando-o aos estudantes como “crônica poética do cotidiano e como uma oportunidade para se conhecer outras visões de mundo, nem sempre coincidentes com as do universo erudito”. Ao defender a tese de que há inúmeras possibilidades na leitura de cordel pelos estudantes, que vão da divulgação de uma visão de mundo europeia e sua adaptação ao contexto do Nordeste, até a apresentação de acontecimentos históricos pelo ponto de vista das minorias silenciadas, o artigo aponta para possíveis caminhos que podem trilhar os estudos do texto de cordel na sala de aula.

Na mesma perspectiva de refletir sobre o cordel e a escola, Claudia Zilmar da Silva Conceição e Carlos Magno Gomes, no artigo *A formação do leitor por meio da literatura de cordel*, trazem os resultados de uma pesquisa que reflete sobre “vivências” de literatura de cordel com uma turma do Ensino Médio. O texto problematiza a formação crítica do leitor por meio da literatura de cordel, considerando que o folheto proporciona a formação de um leitor nas perspectivas estética, artística, cultural e social. Para tanto, articula os conceitos de cultura popular (Hall), no qual o cordel é o espaço em que circulam “as relações culturais e sociais, propagadas pela cultura hegemônica” e performance (Zumthor), como um elemento de sensibilização que vai implicar na recepção do folheto pelos alunos. O texto destaca o cordel como uma ferramenta pedagógica, que, se bem explorada pelo professor possibilita articular os saberes e sensibilidades que circulam em sua sala de aula.

Por um outro foco, o artigo *Maria das Neves Batista Pimentel: a voz por trás do verso* de Elanir França de Carvalho e Letícia Fernanda da Silva Oliveira apresenta a obra da cordelista paraibana, filha do famoso poeta Francisco das Chagas Batista, que publicou folhetos na década de 30. O artigo proporciona a reflexão sobre a condição feminina no âmbito da autoria de folhetos quando considera as circunstâncias que levaram a cordelista a assinar seus cordéis com o nome do seu marido e analisa o tom de seus folhetos que reproduziam e reiteravam os valores patriarcais vigentes. A análise discute as características da obra de Maria das Neves, considerando a representação das suas personagens femininas no cordel e aponta para o cenário de dificuldades enfrentadas pelas mulheres que ousavam ingressar nesse universo, até hoje, predominantemente masculino.

Por fim, o olhar sobre os artigos que compõem o Dossiê e suas diversificadas abordagens sobre o tema da literatura de cordel nos convida a refletir sobre o lugar que ocupa essa literatura que se configura, antes de tudo, como um meio de expressão popular. É possível pensar esse popular como um fenômeno que se inscreveu e extrapolou os contextos de produção e recepção que o condicionavam para ser consumido e apreciado pelos mais diversos e diferentes espaços e auditórios sociais. Essa transformação pode ser fruto da surpreendente capacidade de resistência e revitalização dessa literatura, que se propaga na voz que a oraliza, na cultura e nos temas que a atualizam e na escola que a sensibiliza.

Assim, esperamos que essas reflexões possam contribuir para que a literatura de cordel possa ser vista dentro dos parâmetros artístico-sociais e do contexto de produção que a condiciona, sendo percebida como uma produção que pode sobreviver em tempos e espaços similares às produções eruditas.

NAELZA WANDERLEY (UFCG)

LILIAN RODRIGUES (UERN)

(Organizadoras)